

# O movimento estudantil na educação física brasileira: construção, atuação e contribuições na Escola Nacional de Educação Física e Desportos

Victor Andrade de Melo\*

---

A história do movimento estudantil (ME) em nossa área ainda é uma lacuna. Partindo da compreensão de que para entender a construção e as contribuições do ME para a educação física brasileira devemos tornar mais rigorosos nossos estudos históricos, ampliando as informações e as fontes, realizando análises segundo perspectivas diferenciadas e fazendo uso de uma adequada concepção de História; este artigo objetiva analisar a atuação, as contribuições e o desenvolvimento do ME na Escola Nacional de Educação Física e Desportos, percebendo que sua construção histórica não é somente fruto das ações dos professores, mas também da influência primordial dos estudantes.

---



O movimento estudantil não é um assunto que tem ocupado significativo espaço nos congressos e revistas científicas na educação física brasileira. Mesmo sendo objeto de algumas importantes reflexões, normalmente apresentadas nos eventos específicos de estudantes (principalmente no Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física), e gozando de um aparente reconhecimento generalizado, inclusive de muitos que ainda insistem em se opor à ação estudantil organizada, esta importante Instituição não tem sido priorizada em estudos mais aprofundados e teoricamente mais elaborados<sup>1</sup>.

No que se refere à história do movimento estudantil, não é menor a lacuna, embora recentemente esteja a Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física (ExNEEF) se empenhando em minimizar o problema. Entre outras ações, com a criação de um Arquivo do movimento, centralizado na Universidade Federal do Espírito Santo, e com a edição de um "Caderno de Debates" dedicado a discutir a história (Carvalho, Pinheiro, 1995). A despeito desses importantes avanços, as discussões ainda se mostram incipientes e se referem em grande parte a informações das décadas de 80/90, normalmente relatos da experiência de quem se envolveu de alguma forma com entidades estudantis.

Quando uma informação mais antiga é apresentada, costuma reproduzir as constatações de Lino Castellani Filho (1988), se limitando a comentar principalmente (e superficialmente) a greve dos estudantes da ENEFD de 56/57 e a ação do Centro Acadêmico Rui Barbosa no episódio da exigência do curso secundário completo para ingresso nas Instituições de nível superior na educação física.

Longe de desmerecer tais estudos, exemplos da preocupação que o tema tem motivado, devemos, entretanto, tornar mais rigorosos nossos estudos históricos acerca do movimento estudantil, compreendendo a necessidade de aquisição de um maior número de informações (com a utilização de novas fontes), de realização de novas análises (segundo perspectivas diferenciadas) e fazendo uso de uma concepção de História que possa permitir-nos compreender efetivamente a construção e as contribuições do movimento estudantil no desenvolvimento histórico da educação física brasileira<sup>2</sup>.

Caminhando nesse sentido, tenho procurado analisar a ação estudantil no interior da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD). Analisando a dinâmica interna da ENEFD, percebi como sua história não é somente fruto das ações docentes, mas também da influência primordial dos estudantes, fundamental no forjar de nossa identidade enquanto área. Este artigo, ao objetivar analisar o desenvolvimento do movimento estudantil no interior dessa importante escola de formação<sup>3</sup>, procura ampliar algumas discussões anteriormente desenvolvidas de forma preliminar<sup>4</sup>.

PRIMEIROS PASSOS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL  
NO CONTEXTO DOS PRIMEIROS MOMENTOS DA ENEFD

As primeiras preocupações com a organização de uma entidade estudantil na ENEFD surgiram logo após sua fundação (1939), já em 1940, por iniciativa direta do major Inácio Freitas Rolim, primeiro diretor daquela Instituição. Com a criação do primeiro Regimento Interno da ENEFD (1941), é possível perceber e inferir melhor acerca de seus significados e funções naquele momento. Nesse regimento, alguns artigos são dedicados a regulamentar a ação dos discentes e as suas possibilidades de associação.

Mais especificamente, o artigo 122 oportunizava a organização de associações do corpo discente, estabelecendo como objetivo o desenvolver do "convívio social e das relações" com os estudantes de outras escolas/faculdades da Universidade do Brasil (UB). Isso efetivamente não significava o estímulo à participação política e à intervenção nos assuntos inerentes à Escola ou à Universidade. O regimento inclusive previa que os alunos poderiam ser punidos, com penas que iam de advertência até expulsão. Para isso, bastava que "desrespeitassem" e/ou "desobedecessem" o diretor ou qualquer membro do corpo docente ou "perturbassem a ordem da Escola". Tais punições, no contexto totalitário da época, podiam ser perfeitamente aplicadas a qualquer forma de reivindicação ou descontentamento interpretados como mais exacerbados. A representação dos estudantes nascia assim com suas possibilidades de atuação reduzidas.

O título VII do Regimento também tratava do corpo discente, tendo um subtítulo

dedicado ao Diretório Acadêmico, onde é claramente perceptível uma forte interferência da direção e do corpo docente. Entre outras coisas, ficava determinado o número de estudantes na diretoria (10 estudantes, necessariamente dois de cada curso<sup>5</sup>) e que as reuniões do Diretório teriam que obrigatoriamente ser dirigidas por um docente, sendo suas decisões submetidas ao Conselho Administrativo da Escola. Ainda era previsto:

"Artigo 132- O Diretório Acadêmico que, depois de advertido, insistir na prática de atos infringentes das leis universitárias, ou do próprio estatuto, e bem assim o que não cumprir as decisões do conselho universitário, será dissolvido pelo Reitor, convocando o diretor da Escola imediatamente novas eleições"

Mesmo que bastante conservador, só o reconhecimento da possibilidade de organização dos estudantes deve ser registrado, embora não se possa desconsiderar possíveis objetivos de controle do corpo estudantil. Na verdade, a redução das possibilidades de participação é plenamente compatível com a estrutura da Escola naquele momento. Os militares ocupavam lugar central, o que a tornava uma escola "civil" extremamente militarizada. No início, a ENEFD foi uma continuação do projeto militar dentro da UB.

A rotina diária começava com as formaturas matinais onde, invariavelmente, observavam-se aspectos de ordem unida e comandos no modelo dos quartéis, além da leitura do boletim do dia, por parte da direção da Escola. A formatura era obrigatória para alunos, como também para professores e funcionários. A ENEFD era também presença marcante e cativa nos desfiles e paradas cívicas<sup>6</sup>, principalmente enquanto o período Vargas vigorou, considerados de grande importância na formação do futuro profissional.

Segundo a percepção de Ramilda Colares Quitete (comunicação pessoal In: Melo, 1996), aluna da ENEFD entre 1940/1941, os alunos em geral gostavam muito dessas paradas e desfiles, normalmente não reclamando da obrigatoriedade da participação e se empenhando ao máximo em realizá-la com grande garbo. Não é surpreendente, então, com uma estrutura tão militarizada, que o boletim escolar do dia 28 de novembro de 1939 seja dedi-

cado a uma crítica contundente à Intentona Comunista<sup>7</sup>, no intuito de

"...avivar no espírito dos elementos da ENEFD o dever que nos corre de estarmos atentos contra os que pretendem, por falsos juízos, alterar a marcha de nossa civilização, integrando-nos em sistema políticos que são contrários às nossas tradições históricas, às nossas tendências psicológicas, e, em suma, aos interesses mais imediatos da nação" (Rolim, 1943, p.20).

É importante reconhecer que a estrutura da Escola era potencialmente diferente de outras escolas/faculdades da UB. Suas diferenças não se deviam somente à pronunciada influência governamental. Seus cursos eram realizados em apenas um ou dois anos, ao contrário dos demais, realizados em no mínimo três; peculiaridade somente modificada em 1945. Também somente era exigido para ingresso o curso *secundário fundamental*, enquanto para as outras escolas/faculdades, como na Faculdade Nacional de Filosofia, o *secundário complementar* se fazia necessário.

Além de trazer para o contexto da ENEFD jovens adolescentes muito novos, isso permitia um interessante contra-senso: um curso "superior" funcionando com exigências diferenciadas. Só a partir da "lei de equivalência" (Lei 1821, de 12 de março de 1953), o segundo ciclo médio passaria a ser exigido para o ingresso em todos os níveis superiores (Faria Júnior In: Oliveira, Faria Júnior, 1987).

Neste contexto, o Diretório Acadêmico não ocupava um lugar de destaque. Quitete (*op.cit.*), por exemplo, não consegue se lembrar de sua existência.

"Se isso existiu, se você tem registrado, devia ter existido, mas eu não...para mim não foi alguma coisa tão significativa, pois eu não me lembro. Até porque esse governo de alunos talvez não era tão incrementado, tão valorizado".

Embora tenha sido uma liderança em sua turma, Quitete assume que sua liderança não se dava através do Diretório Acadêmico, a seu ver um órgão menos significativo ou somente existente por força de aspectos legais, sem efetivamente demonstrar funcionalidade. Quitete deixa claro que a participação política era pequena, estando as discussões de então mais ligadas ao esporte e a ginástica ("mais ao Fla-Flu", segundo ela).

Para Quitete, a disciplina exigida era muito grande, sendo, contudo, possível identificar contestações, "pequenas indisciplinas".

"...Quando entrava naquela disciplina, e o próprio adolescente já é contestador, o que ocorria? Você reagia. Eu reagi muito.

— Havia muita indisciplina, professora, muitos choques?(Victor)

— Olha não sei se nós tínhamos muita indisciplina, mas nós também reagíamos, nós também criticávamos".

Possivelmente tais "indisciplinas" eram pequenos descontentamentos, pequenas reações individuais para com uma estrutura que incomodava pelo excesso de militarização<sup>8</sup>. Quitete, contudo, não considera que *a priori* essa forte hierarquia fosse condenável. Chega mesmo a se colocar a favor e a acreditar que era necessária em uma escola que abarcava as mais diferentes formações, as mais diferentes faixas etárias e algumas inovações para a sociedade da época.

*"... andávamos de maiôs para nadar e calção para fazer esporte. Naquela época isso já era uma coisa avançada, vamos dizer. Então isso era uma coisa que podia criar determinadas coisas, de rigidez de disciplina e tudo, porque talvez se não colocássemos, será que não íamos exagerar, extrapolar?"*

A posição internalizada de respeito de Quitete explicita em grande parte o quadro das relações na ENEFD da época e nos permite perceber o sentido de um espaço ainda pequeno para a representação estudantil.

#### MUDANÇAS NA ENEFD E O MOVIMENTO ESTUDANTIL EM MUDANÇAS - RELAÇÕES

Em 1944, quando a ENEFD já vivia os primeiros momentos de transição e mudança, efetivada com a ascensão dos médicos à direção, surgem novas preocupações com a representação estudantil. Dessa vez devido a uma viagem que Antônio Pereira Lyra e Alfredo Colombo realizaram para conhecer a educação física no Uruguai e na Argentina. Empolgados com a organização das escolas de formação daqueles países, os professores pro-

põem uma série de modificações, entre elas sugestões de maior prestígio ao Diretório:

"Isso tudo nos convenceu ainda mais da necessidade de prestigiar os Diretórios Acadêmicos, prevendo no horário, dias para as suas reuniões, que orientadas a exemplo do que ocorre na Argentina são tão ou mais importantes que as aulas" {Colombo, 1946, p.24}.

Esse horário nunca chegou a ser efetivado, mas tal iniciativa pode significar uma mudança de consideração para com o Diretório Acadêmico, embora de forma alguma possa ser considerada como um marco fundamental. Cabe desde já explicitar que as conquistas do movimento estudantil na ENEFD foram frutos da própria ação dos estudantes e em momento nenhum contaram com a complacência ou apoio do câmputo geral dos docentes. A não ser de honrosas exceções, como o professor Alberto Latorre de Faria, nome a ser lembrado com respeito e admiração na história do movimento estudantil em nossa área.

Com a ascensão dos médicos à direção, uma série de mudanças contribuiria para o aumento da inserção da ENEFD na UB, já mais preocupada com a formação profissional, com a pesquisa e com o cumprimento de sua responsabilidade enquanto escola-padrão da educação física brasileira<sup>9</sup>. Essas mudanças, e seu reconhecimento na estrutura universitária, foram de grande importância para o desenvolvimento da Escola e para a educação física brasileira.

A ação dos alunos parece ter tido grande responsabilidade nesse processo, por diminuir resistências e preconceitos para com a ENEFD no interior da UB, principalmente por sua cada vez maior participação no contexto universitário, tanto nas competições e festas quanto nos órgãos do movimento estudantil.

"Então nós fomos tendo uma conotação mais universitária, integrados mais dentro da estrutura universitária. Eu acho que os estudantes tiveram uma participação definitiva, decisiva nessa mudança de estrutura, de mentalidade, de posicionamento" (Faria Júnior, comunicação pessoal In: Melo, op.cit.).

A movimentação dos estudantes não surgiu de uma hora para outra. Duas grandes mudanças na estrutura da Escola são destacáveis na mudança inicial do perfil do alunado. Uma delas foi a exigência do diploma de cur-

**Cabe desde já explicitar que as conquistas do movimento estudantil na ENEFD foram frutos da própria ação dos estudantes e em momento nenhum contaram com a complacência ou apoio do câmputo geral dos docentes. A não ser de honrosas exceções, como o professor Alberto Latorre de Faria, nome a ser lembrado com respeito e admiração na história do movimento estudantil em nossa área.**



so secundário complementar, equivalente ao 2º grau, para o aluno que desejava ingressar. Com isso, passaram a chegar alunos mais velhos, muitos até oriundos de outras faculdades<sup>10</sup>.

Outra mudança relaciona-se à concessão de bolsas de estudo. A ENEFD, enquanto *escola-padrão*, concedia anualmente bolsas para que estudantes de outros Estados pudessem vir ao Rio de Janeiro fazer seu curso". Os candidatos selecionados pelos Estados eram agraciados com uma ajuda financeira, caso obtivessem êxito no vestibular.

A partir do final da década de 40, passou a ser mais rigorosa a seleção desses candidatos, trazendo conseqüentemente alunos melhor preparados e mais interessados. Sem falar na vinda de alunos estrangeiros, fruto de convênios com países latino-americanos, importantes porque traziam as diferentes experiências e a vivências de seus países.

Essas importantes modificações no perfil dos estudantes ocorreram quando já era possível perceber um maior número de posturas críticas entre os professores da Escola, que progressivamente abandonavam os fortes referenciais de influência militar. Críticas ao método francês não foram poucas; é possível perceber uma preocupação maior com os referenciais pedagógicos; o esporte ganha espaço e com ele os professores de educação física; e até é possível perceber um crescente número de posturas críticas explícitas de alerta quanto as funções do professor para a sociedade brasileira, principalmente nas obras de Alberto Latorre de Faria e Inezil Penna Marinho<sup>12</sup>.

A GREVE DOS ESTUDANTES - UM MARCO PARA A ESCOLA E PARA O MOVIMENTO ESTUDANTIL<sup>13</sup>

Neste contexto, uma das ações mais contundentes e interessantes, retrato de como se organizava crescentemente o movimento estudantil na ENEFD, foi a greve de estudantes de 1956/1957, com o intuito de retirar da direção o professor João Peregrino Júnior. Em princípio, as razões dessa greve, afirmavam os estudantes, ligavam-se à falta de atenção do diretor para com a Escola, tendo como estopim uma de suas declarações, onde desmerecia a importância da Escola e do professor de educação física.

Mas penso que as razões estivessem diretamente ligadas à necessidade de redimensionar a ultrapassada estrutura da ENEFD e à afirmação do espaço do professor de educação física, normalmente submetido a situações de desprestígio em uma escola de formação que estava (ou ao menos deveria estar) diretamente ligada a ele. Os professores de educação física vinham sentindo as diversas formas veladas de desconsideração e a greve vai ao encontro de seus desejos de mudar os rumos da ENEFD, estando certamente entre os primeiros momentos da sua luta pela conquista de espaço dentro de sua própria área.

Cabe esclarecer que, ao identificar a aproximação do movimento estudantil com um grupo de professores de educação física, em nenhum momento afirmo que estes estivessem mais avançados nas discussões teóricas e/ou políticas. Entre eles também se encontravam posições controversas e conservadoras que iam de encontro com as posições do Diretório Acadêmico. Exemplo ilustrativo dessa complexa e dicotômica aproximação pode ser encontrado no discurso de paraninfo de Alfredo Colombo. A princípio afirma que:

"Ao vosso convite acedi porque nele reconheço não só uma homenagem ao professor, como também uma demonstração da evolução do conceito em que são tidas as cadeiras desportivas dessa Escola, as chamadas práticas" (1953, p.134)

mas logo após deixa claro que acredita que

"...conservando a Universidade do Brasil fora da órbita da política, os rumos seguem tranqüilos sua trajetória ascensional" (p.135).

Embora ligada a uma luta mais ampla, a greve foi uma iniciativa exclusiva dos alunos e suas conquistas foram um resultado de sua ação, embora alguns professores tivessem apoiado. Diretamente, como o professor Alberto Latorre de Faria, ou indiretamente, principalmente como alguns professores de educação física. Esse apoio da classe docente, aliás, nunca foi efetivamente solicitado, embora muitas vezes bem vindo.

A greve é um marco muito importante a ser considerado no desenvolvimento do movimento estudantil, não só na ENEFD, mas também na educação física brasileira. Parece que

**A greve é um marco muito importante a ser considerado no desenvolvimento do movimento estudantil, não só na ENEFD, mas também na educação física brasileira. Parece que foi um impulso necessário para que os estudantes tomassem maior consciência de seu poder de mobilização e das suas possibilidades de reivindicação.**

foi um impulso necessário para que os estudantes tomassem maior consciência de seu poder de mobilização e das suas possibilidades de reivindicação. O assombro causado na estrutura de uma Escola outrora tão rígida ajudou a forjar a ruptura necessária para que os estudantes passassem a ser encarados como uma força política, com opiniões que deveriam ser mais consideradas, e ter seus assentos e representações nos órgãos colegiados mais respeitados.

#### A AÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA ENEFD

Sem dúvida, uma "confusão hierárquica" se instalou na Escola, destruindo estruturas de poder arraigadas desde os primórdios. As posições dos professores como um todo, perante o movimento estudantil, confundem-se, todas invariavelmente permeadas por pânico e preocupação. Os discursos transitam entre extremos de admiração/exaltação e contestação ao "novo poder estudantil".

O grau de consciência dos estudantes, principalmente de seus representantes, é notável em seus discursos e suas reivindicações, muitos já realizados nos órgãos colegiados. O discurso de José Augusto Cysneiros é uma prova desse novo posicionamento. Após proceder uma análise crítica, de consistência e consciência destacável, dos rumos da educação física brasileira e deixar claro sua compreensão quanto o seu importante e difícil papel de porta-voz da classe discente, encerra sintetizando os sentimentos que possivelmente assolavam a ENEFD:

"Creio na sua hierarquia, apenas como condição de uma positiva eficácia administrativa. Creio que muito se deve fazer para que mestres e alunos encontrem uma nova formulação para a UB. (...) a ausência dessa formulação, o não abandono do conceito tradicional e medieval, a não adoção de medidas mais condizentes com as novas realidades(...) tem infelizmente colocado alunos e professores em constante oposição" (1959, p. 132).

De fato, existiram demonstrações diversas de "quebra de hierarquia", até mesmo nos aspectos mais estabelecidos na estrutura da Escola. Por exemplo, na escolha dos paraninfos. A turma de 1957 escolheu Alberto Latorre de Faria como paraninfo. Tal escolha era plenamente aceitável. Outros professores

de educação física já tinham sido escolhidos, além do que Faria era um catedrático, procedimento usual, quase obrigatório, na escolha de paraninfos. A turma de 1958, todavia, desafiaria as normas universitárias ao escolher para paraninfo, pela primeira vez na ENEFD, um professor não catedrático: Hélio de Macedo Medeiros. Ao comentar a escolha, José de Oliveira Barreto Sobrinho, orador da turma e estudante de grande destaque por sua participação no Diretório Acadêmico, afirma:

"Sendo o professor Hélio de Macedo Medeiros, auxiliar de ensino em nossa Escola, o nosso ato vem quebrar o formalismo, que quase sempre predomina na escolha de um paraninfo, pois geralmente consideram-se mais o cargo e os títulos escolhidos do que a pessoa propriamente dita" (1959, p.99).

Os questionamentos à estrutura sacralizada da Escola não significaram uma oposição desenfreada, mas antes a tentativa dos estudantes de se tornarem mais influentes e respeitados. Muitas eram as polêmicas com o corpo docente e com a direção, mas o número de iniciativas em comum parece ter superado os constrangimentos ocasionados pelos embates. Waldemar Areno chega a afirmar que:

"Teve a diretoria no aluno José Augusto Cavalcante Cysneiros, um colaborador de vanguarda, que soube coordenar os interesses discentes com educação, respeito e dignidade, e soube merecer assim, a estima e admiração dos seus colegas, do corpo administrativo e dos seus professores" (1959, p.10).

Ainda assim, nesse mesmo ano, Areno afirma que a greve de apoio à Faculdade de Medicina, que levou à perda de 15 dias de aula, foi injustificada e inoportuna. Para ele, a totalidade do corpo discente não concordava com a paralisação, somente aderindo por deliberação da maioria. Tais posições podem demonstrar que, em muitos momentos, as oposições e discordâncias não invalidavam o trabalho em conjunto e o respeito mútuo.

#### O DIRETÓRIO ACADÊMICO E A ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA - DUAS FACES DO MOVIMENTO ESTUDANTIL?

Entre três ex-alunos, entrevistados por ocasião da preparação de minha dissertação de mestrado, foi possível identificar a diferença da importância concedida ao movimento

estudantil. Ao contrário de Quitete (*op.cit.*), nos depoimentos de Paulo Emmanuel da Hora Matta (comunicação pessoal In: Melo, 1996) e Alfredo Gomes de Faria Júnior (*op.cit.*), a ação do Diretório Acadêmico ocupa lugar de destaque. Matta enfatiza os momentos que antecederam a greve e a greve em si<sup>14</sup>, enquanto Faria Júnior expressa primordialmente o momento pós-greve e as conquistas a partir desta.

Os depoimentos permitem também perceber que outra associação estudantil, além do Diretório Acadêmico, tinha importante papel na ENEFD: a Associação Atlética, responsável mais diretamente pela organização e ações ligadas às competições esportivas. As competições eram um verdadeiro acontecimento social que mobilizava muitas vezes a população da cidade e contava invariavelmente com a participação de grande público. A Atlética se notabilizava pelo empenho em organizar e estimular a participação dos estudantes, diretamente como atleta e/ou auxiliando na preparação e realização do evento.

Faria Júnior observa uma forte divisão entre a Associação Atlética e o Diretório Acadêmico. No seu ponto de vista, os representantes do Diretório tinham um posicionamento político mais claro e uma participação política mais efetiva. Já os membros da Atlética eram normalmente menos atuantes politicamente. Na verdade, parece que sempre existiu uma disputa cordial entre a Atlética e o Diretório, para ver quem executava mais ações ou tomava mais iniciativas. Contudo, não parece que a disputa chegasse a ser pouco amistosa. Em muitas ocasiões estiveram mesmo desenvolvendo ações conjuntas.

De qualquer forma, essa divisão é bastante denunciadora, pois parece separar o esporte do rol das "atividades políticas". Quem faz política para um lado, quem faz esporte para o outro. Não creio que essa divisão fosse tão rígida e clara no interior da ENEFD, mas não custa lembrar que por ocasião dos desdobramentos do golpe de 64, o Diretório foi fechado, enquanto a Atlética mantida aberta. Interessante também é a afirmação de Matta (*op.cit.*) sobre as diferenças entre as eleições para a Atlética e para o Diretório:

"Porque a Atlética sempre foi algo di-

ferenciado. Era bem diferente da briga, por exemplo, do Diretório Acadêmico. O Diretório Acadêmico era sempre brigado, havia sempre oposição, havia sempre concorrência. Já a Atlética não. A Atlética chegava a um ponto que era muito importante...a continuidade. Porque eles já tinham um programa, eles já sabiam o que iria acontecer."

No contexto teórico da época, as discussões sobre uma possível separação entre política e esporte começavam a dar seus primeiros passos, não sendo centrais entre os estudantes, nem prejudicando fundamentalmente o relacionamento e o trabalho em conjunto das entidades estudantis. Hodiernamente, todavia, devemos proceder uma crítica a tal divisão, transformando Atléticas e Diretórios, hoje normalmente chamados de Centros Acadêmicos, em uma única instituição de luta pela representação dos estudantes.

#### A PREOCUPAÇÃO COM A PESQUISA E A PRODUÇÃO TEÓRICA

Uma importante constatação, simultaneamente causa e consequência da mudança de perfil e postura do alunado, é o aumento da participação de estudantes em projetos de pesquisa. Nos primeiros momentos da ENEFD, a pesquisa ainda não era uma prática muito difundida entre os professores e possuía um caráter totalmente diferente dos dias atuais. Além disso, a realização de pesquisas não era considerada uma atividade discente. A participação dos estudantes se limitava a sua utilização enquanto objeto-alvo, contribuindo não na estruturação do estudo, mas enquanto fornecedores de dados<sup>15</sup>.

Já Matta percebe que, em seu período (1954/57), alguns alunos começavam a mais efetivamente participar de pesquisas. As pesquisas ainda partiam dos docentes, mas alguns alunos já levantavam temas de pesquisas e eram auxiliados por algum professor. Começavam também a ser permitidas as participações de estudantes nos congressos, até então vetadas. Os alunos começaram a organizar seus próprios congressos.

No que se refere a participação dos alunos nas pesquisas, o período de Faria Júnior (1960/63) foi bastante diverso. A pesquisa ain-

da não era uma constante, mas impulsos mais significativos já eram perceptíveis. Faria Júnior, por exemplo, teve a oportunidade de participar, junto com a professora Maria Lenk, na primeira pesquisa ligada à introdução no Brasil do *Intervall-training* de Gerschler e Reindell na natação<sup>16</sup>.

Faria Júnior lembra também de uma importante e pioneira iniciativa dos estudantes: a organização de um seminário para que apresentassem seus trabalhos realizados na graduação. Não havia a exigência de trabalhos de fim de curso, mas com essa iniciativa muitos estudantes estiveram a preparar e apresentar suas pesquisas. Os trabalhos apresentados nesse primeiro seminário interno<sup>17</sup> foram publicados nos "Arquivos" de número 17, quando Areno comenta:

"Este simpósio já está definitivamente incorporado às nossas atividades, o que demonstra o grande interesse dos nossos alunos pela pesquisa, pela publicação dos trabalhos e pelas oportunidades que se lhe oferecem de expor o que aprenderam" (1962, p.8).

Com a publicação dos seus trabalhos de pesquisa nos "Arquivos", os estudantes conquistavam definitivamente espaço nessa publicação. Antes, suas orações de formatura, suas participações nos órgãos colegiados e até discurso de posse no Diretório tinham sido publicados, mas faltava seus ensaios e trabalhos de pesquisa ganharem o *status* de artigos. Além disso, o Diretório, em outra demonstração de preocupação com a formação, constantemente editava publicações com o objetivo de divulgar os artigos e trabalhos realizados por professores e alunos da Escola.

Os estudantes, assim, mais uma vez contribuíam com os rumos da ENEFD e da educação física brasileira. As experiências dos seminários, bem como a participação efetiva em pesquisas, podem ser consideradas iniciativas de grande importância. Lembro que até hoje muitos Centros Acadêmicos realizam experiências semelhante com a realização das chamadas "Semana dos Estudantes" ou "Ciclo de Palestras", sem falar no importante Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física (ENEFF), momento de grande discussão e convivência, onde política e ciência de forma alguma se encontram dissociadas.

Foi em meados da década de 50 que pela primeira vez os estudantes de educação física enviaram representantes para os eventos e congressos nacionais de estudantes, alguns inclusive da União Nacional dos Estudantes (UNE). Embora não acredite que a ascendente organização do movimento estudantil na ENEFD possa ser compreendida somente a partir de uma consideração do contexto nacional, tendo fortes motivações relacionadas à estrutura interna da Escola, não se pode negar que esse processo sofreu influência do momento histórico geral. Observava-se uma crescente importância e presença da UNE e a ascensão da participação política dos estudantes. O Diretório Acadêmico da ENEFD tinha efetiva participação no Diretório Central dos Estudantes e na UNE<sup>18</sup>.

"Nós freqüentávamos a UNE, o prédio da UNE na Praia do Flamengo. Tinham várias atividades que faziam com que a gente fosse para lá... A gente tinha orgulho de ser de uma Escola que tinha um diretório que participava de um DCE e que tinha ligação com a UNE" (Faria Júnior, op.cit.).

Dentro da ENEFD, percebem-se reflexos claros dessa participação:

"Não se compreenderia nos tempos atuais, que outro fosse o sentimento do jovem, que vive e participa das horas mais dramáticas da definição nacional...e os estudantes de educação física, atentos a evolução por que passa esta especialidade, querem acompanhar esta fase de transição, não como meros espectadores, mas como partes vivas de um organismo que se transforma..." (Cysneiros, 1960, p.135).

No nível nacional, o movimento estudantil em educação física começou a se efetivar fundamentalmente por iniciativa dos estudantes do Diretório Acadêmico da ENEFD, no fim da década de 50, quando se organiza a União Nacional dos Estudantes de Educação Física (UNEEF), responsável por organizar o Primeiro Congresso de Estudantes de Educação Física, nas dependências da ENEFD; evento que contou com a presença de representantes de seis estados. Sem dúvida, a UNEEF e o Congresso são antepassados, lamentavelmente pouco conhecidos, de nossa atual ExNEEF e de nossos ENEEFs.



Enfim, fruto de influências externas, como a ascensão do movimento estudantil no Brasil, mas fundamentalmente resultado da "expressão de comunidade" (uma forma de resistência às condições que os incomodavam) e a necessidade de diretamente influenciar os caminhos a serem trilhados; o movimento estudantil se desenvolveu e teve significativa influência nos rumos da educação física brasileira.

O conhecimento da ação dos estudantes nos alerta para possíveis descon siderações às resistências que já existiam nas décadas de 50/60. Segundo Henri Giroux (1980), algumas abordagens da nova sociologia da educação, a despeito das imensas contribuições<sup>19</sup>, cometeram um erro ao deixar de considerar profundamente formas de resistência e de oposição já existentes, considerando muitas vezes professores e alunos como inoperantes e passivos diante da estrutura de controle social.

Não podemos reproduzir tal impropriedade. Devemos perceber como os estudantes forjaram as mais diversas formas de resistência. Segundo Paul Willis (*apud. id.*) as principais formas de protesto são observadas no cotidiano, nas formas de vestir, na linguagem, nos atos de controle do local, na subversão das regras e rejeitando as promessas da escola. Ao observarmos os discursos e as diversas ações dos estudantes no interior da ENEFD, podemos claramente identificar tais iniciativas.

Nem sempre, entretanto, os questionamentos de ordem cultural se convertem em resistência política, pois existem grandes obstáculos para tal, como a própria estrutura escolar. No caso da ENEFD, os estudantes conseguiram com sucesso tal conversão, até porque o contexto internacional e nacional lhes apresentava grandes condições e estímulos.

Mesmo não acreditando que a história sirva para forjar "lições de moral" ou para linearmente explicar o presente, com certeza conhecer os caminhos pelos quais tem trilhado nosso movimento estudantil pode ser de grande valia. Para o movimento estudantil em si, auxiliando no redimensionar e aperfeiçoar

de suas ações. E também para aqueles que pretendem construir uma educação física nacional que não seja somente compreendida como fruto de grandes líderes e/ou intelectuais aboletados nas academias.

Para finalizar, faço uso das palavras de Maria do Carmo Morales Pinheiro (1995) em sua apresentação do Caderno de debates sobre a história do movimento estudantil. A simplicidade de seus pensamentos pode bem sintetizar a complexidade do sentido do estudo de nosso movimento estudantil:

"Pois bem, é claro que a história não explicará tudo, apenas oferecerá um leque de opções para a compreensão de algumas questões passadas que poderão subsidiar novas práticas sociais relacionadas a tal assunto. Diante desse quadro, não é mais possível continuar fazendo movimento estudantil ou qualquer outro movimento social orientado nos velhos modelos que até então fundamentaram nossa ação política" (p.5).

Não é mais possível fazer um movimento estudantil pautado em velhos modelos. Não é mais possível também desconhecermos a importância desse movimento para a educação física brasileira. Seja não o abordando ou o abordando a partir de um sentimento superficial de simpatia. Talvez seja um desafio aceitarmos a necessidade de, em conjunto com os estudantes, teorizar profundamente sobre o assunto, também nos engajando em ações diretas, decorrentes da reflexão teórica possibilitada.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENO, Waldemar. *Relatório de 1959*. Rio de Janeiro: ENEFD, 1959.
- \_\_\_\_\_. Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n. 17, p.7-8, jun. 1962.
- BOLETIM DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro, n.12, abr.1945.
- CARVALHO, Ana Dias; PINHEIRO, Maria do Carmo Morales (orgs.). *Movimento estudantil: história e perspectivas - Caderno de Debates*. Pelotas: ExNEEF, 1995.
- CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988.
- COLOMBO, Alfredo. Aspectos da educação fisi-

***Não é mais possível também desconhecermos a importância desse movimento para a educação física brasileira. Seja não o abordando ou o abordando a partir de um sentimento superficial de simpatia. Talvez seja um desafio aceitarmos a necessidade de, em conjunto com os estudantes, teorizar profundamente sobre o assunto, também nos engajando em ações diretas, decorrentes da reflexão teórica possibilitada.***

- ca nos países do Prata. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.2, p.21-30, jun.1946.
- . Discurso de Paraninfo. *Arquivos da ENEFD*. Rio de Janeiro, n.6, p.133-139, jan.1953.
- CYSNEIROS, José Augusto Cavalcante. Discurso de posse na presidência do DA. *Arquivos da ENEFD*. Rio de Janeiro, n.14, p. 129-132, dez. 1959.
- . Oração da despedida. *Arquivos da ENEFD*. Rio de Janeiro, n. 15, p.135-138, dez.1960.
- EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro, n.68, set.1942.
- ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS. *Regimento Interno*. Rio de Janeiro: ENEFD, 1941.
- FARIA, Alberto Latorre de. Aula inaugural dos cursos da ENEFD de 1957. *Arquivos da ENEFD*. Rio de Janeiro, n.11, p.9-20, dez. 1957.
- . A educação física e o momento atual da sociedade. *Arquivos da ENEFD*. Rio de Janeiro, n.12, p.9-24, dez.1958.
- . O professor e seu país. *Arquivos da ENEFD*. Rio de Janeiro, n.15, p.21-28, dez.1960.
- FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de. Professor de Educação física, licenciado generalista. In: OLIVEIRA, Vitor Marinho de; FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de (orgs.). *Fundamentos Pedagógicos da Educação Física -2*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico,1987. p.15-33.
- . Depoimento a Victor Andrade de Melo. In: MELO, Victor Andrade de. *Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história*. Campinas: UNICAMP, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação Física).
- FERREIRA, Marcelo Guina. *Contribuições do movimento estudantil para a formação do professor de educação física: o caso do IEFD/ UERJ*. Rio de Janeiro: UERJ, 1994. Memória (Licenciatura em Educação Física).
- GIROUX, Henry. The Politics of student resistance in classroom pedagogy. *Journal of Education*. v.162, n.3, p.75-79, 1980.
- MARINHO, Inezil Penna. Discurso de Paraninfo para a turma de 1953. *Arquivos da ENEFD*. Rio de Janeiro, n.7, p.121-127, jan.1954.
- MATTA, Paulo Emmanuel da Hora. Depoimento a Victor Andrade de Melo. In: MELO, Victor Andrade de. *Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história*. Campinas: UNICAMP, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação Física).
- MELO, Victor Andrade de. A greve dos estudantes de 56 e a educação física brasileira. *Motriz*, v. 1, n.2, p.84-91,dez.1995.
- . *Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história*. Campinas: UNICAMP, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação Física).
- PEREGRINO JÚNIOR, João; OLIVEIRA, Maria de Lourdes. Menstruação e esporte. *Arquivos da ENEFD*. Rio de Janeiro, n.4, p. 16-25, jun.1948.
- PINHEIRO, Maria do Carmo Morales. Apresentação. In: CARVALHO, Ana Dias, PINHEIRO, Maria do Carmo Morales (orgs.). *Movimento estudantil: história e perspectivas - Caderno de Debates*. Pelotas: ExNEEF, 1995. p.6.
- QUITETE, Ramilda Colares. Depoimento a Victor Andrade de Melo. In: MELO, Victor Andrade de. *Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história*. Campinas: UNICAMP, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação Física).
- ROLIM, Inácio Freitas. *Probidade e Civismo: 1939-1942*. Rio de Janeiro: ENEFD,1943.
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: UNESP, 1992. p.39-62.
- SOBRINHO, José de Oliveira Barreto. Discurso. *Arquivos da ENEFD*. Rio de Janeiro, n.13, p.98-106,jun.1959.

#### NOTAS

<sup>1</sup>Entre os poucos estudos, cabe destacar o de Marcelo Guina Ferreira (1994). Em sua memória de licenciatura, o autor teve por objetivo entender como as ações do Centro Acadêmico de Educação Física da Universidade do Estado do Rio de Janeiro influenciaram na formação do profissional egresso daquela Instituição, principalmente através de contribuições à modificação na concepção de educação física dos estudantes.

<sup>2</sup>Em minha experiência, o uso da "história vista de baixo" tem permitido abordar e perceber a temática de uma ótica diferenciada. Maiores informações podem ser obtidas no estudo de Jim Shaibe (In: BURKE, 1992).

<sup>3</sup>Maiores informações sobre a importância da ENEFD para a educação física brasileira podem ser obtidas no estudo de Victor Andrade de Melo (1996).

<sup>4</sup>Em artigo publicado na *Revista Motriz* (1995).

<sup>5</sup>Na época, a ENEFD oferecia cinco cursos: além da formação de professor de educação física, com duração de dois anos, os cursos de formação em médico desportivo, treinador desportivo, massagista desportivo e específico para os professores do Normal (curso de formação de professores de 1º grau), todos com duração de 1 ano.

<sup>6</sup>Por exemplo, Dia da Raça, Dia da Bandeira, Comemoração do Dia da Independência, entre outros.

<sup>7</sup>Nesse dia, era comemorado quatro anos da vitória governamental sobre essa tentativa frustrada de revolução com cunho comunista.

<sup>8</sup>Eram constantes, nos boletins escolares diários, os alertas à necessidade de retomar a disciplina no interior da Escola. Alguns fatos eram privilegiados nos sermões, como quando estudantes eram surpreendidos "colando", prática expurgada pela direção.

<sup>9</sup>Entre as mudanças podemos citar: o oferecimento de cursos de especialização e extensão; o envio de professores a congressos nacionais e internacionais; a publicação dos "Arquivos da ENEFD", periódico oficial de divulgação das pesquisas dos professores da Escola.

<sup>10</sup>Para se ter uma idéia da idade dos alunos da ENEFD anteriormente, a DEF sentiu a necessidade de estabelecer, a partir de 1945, a idade mínima de 16 anos para matrículas nas Escolas de Educação Física. (*Boletim de Educação Física*, 1945).

"Embora as bolsas oficialmente só começassem a ser oferecidas em 1942, desde 1940 a Escola recebia estudantes de outro Estado, por ação direta de Rolim (*Boletim de Educação Física*, 1942).

<sup>12</sup>É no discurso de paraninfo de Inezil Penna Marinho, para a turma de 53, que encontro pela primeira vez uma análise profunda do quadro social de pobreza e injustiça, bem como preocupações com as minorias sociais. As posições de Alberto Latorre de Faria, mais enfáticas que as de Marinho, podem ser percebidas na sua aula inaugural de 1957 e em seus discursos de paraninfo de 1958 e 1960.

<sup>13</sup>Informações mais aprofundadas sobre a greve de

estudantes podem ser encontradas no estudo de Melo (1995).

<sup>14</sup>Paulo Matta foi um dos principais líderes da greve de 56 e presidente da Associação Atlética por vários anos.

<sup>15</sup>Exemplo pode ser encontrado na pesquisa "Menstruação e esporte", de Peregrino Júnior e Maria Lourdes Oliveira (1948). As alunas participaram somente fornecendo os dados necessários à pesquisa, não tendo experiência como pesquisadoras.

<sup>16</sup>Waldemar Gerschler e Hebert Reindell chegaram a proferir conferência na ENEFD, em 7 de outubro de 1959.

<sup>17</sup>Esse seminário seria realizado por muitos anos mais. Até onde pude perceber, pelo menos até 1965.

<sup>18</sup>Por exemplo, em 1958 a ENEFD enviou dois representantes ao Congresso Nacional de Estudantes realizado em Bauru, São Paulo; no II Congresso Nacional de Estudantes de Educação Física, realizado em 1959, em Porto Alegre, compareceram dois estudantes da ENEFD; e no aniversário da Escola de Minas de Ouro Preto, onde a Universidade do Brasil foi representado pelo presidente do DCE e pelo presidente do Diretório Acadêmico da ENEFD, José Cysneiros.

<sup>19</sup>A nova sociologia da educação, ao fazer a crítica ao funcionalismo, estava fundamentalmente preocupada com o espaço da ideologia e com a natureza da socialização promovida pela escola, interessando-se como esta inculca valores e prepara seus alunos para assumir seu lugar na sociedade de classes (*ibid.*).

#### UNITERMOS

*História da Educação Física; movimento estudantil*

\*Victor Andrade de Melo é professor Ms. e Doutor em Educação Física, pela Universidade Gama Filho.